



PRESS MONITORING

46 | PÚBLICO, QUA 13 MAR 2013

A escola integra ou exclui?

Debate Sucesso escolar
Daniel Rijo

Ter sucesso na escola é fundamental num país que, apesar da melhoria dos últimos anos, continua a ter taxas de insucesso e de abandono escolar entre as mais altas dos países da UE. A escolaridade cumpre uma função fundamental na proteção dos cidadãos, na garantia de que lhes são oferecidas oportunidades de igualdade e que o seu potencial enquanto pessoas será promovido. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86) apela ao pleno desenvolvimento da personalidade do educando, da formação do carácter e da cidadania, permitindo assim que a educação nos traga a aptidão para refletirmos sobre valores espirituais, estéticos, morais e cívicos, ao mesmo tempo que fisicamente nos desenvolvemos de modo equilibrado. Mas o esforço pela universalidade do ensino não pode significar que damos a todos por igual, pela simples razão de que muitos nasceram diferentes e maior ainda é o número daqueles que não tiveram as mesmas oportunidades de desenvolvimento antes de ingressarem na escola.

Quando uma criança ingressa no sistema de ensino, traz já uma herança que a diferencia das outras. Dificuldades nos primeiros anos do ensino básico deveriam ser imediatamente sinalizadas e interencionadas. Mas se a saúde e a proteção de menores não derem uma resposta atempada, adequada no foco e na intensidade, os problemas persistirão. A experiência do terreno mostra que o acesso a tratamentos de saúde mental escasseia no país e as medidas de proteção dos menores pecam muitas vezes por serem demasiado brandas ou chegarem tarde (quando chegam!). Quantos profissionais ou equipas existem capazes de intervir sobre famílias no desenvolvimento de competências de parentalidade? E quantos técnicos devidamente qualificados estão disponíveis para intervir com os alunos, procurando atenuar as diferenças e ultrapassar as dificuldades?

A generalidade das estratégias adotadas para reduzir o insucesso passa por maior tempo de aulas ou estudo acompanhado, por intervenções *a posteriori* e pelo encaminhamento para currículos alternativos. São encaminhados para currículos profissionalizantes alunos que não revelam dificuldades cognitivas mas que levarão consigo os mesmos problemas de regulação emocional e comportamental que manifestavam anteriormente. Este amorosismo reinante e a ausência de técnicos qualificados que auxiliem a escola na intervenção com alunos "difíceis" têm levado ao recurso a uma série de estratégias

que, em vez de promoverem a adesão do aluno à escola, mais parecem contribuir para acentuar a diferença, a alienação da escola e, a longo prazo, a exclusão.

Muitos alunos não completarão com sucesso razoável o ensino regular porque, de certo modo, o mesmo está formatado para que o não consigam. Não seremos capazes de promover uma melhoria acentuada nas taxas de sucesso enquanto circunscrevermos os currículos a uma hegemonia de disciplinas de base científica e tecnológica. A diversidade das matérias e disciplinas lecionadas deve ser maior, deve atrair à escola outros saberes, outras formas de abordar os problemas da vida e da sociedade. O teatro, a dança, as artes devem entrar nos muros da escola pela porta grande. Têm o mesmo mérito e importância que a física, a matemática, a química, as línguas, a geografia ou a biologia. Informam do mundo e da vida. Onde está escrito ou demonstrado que é o

conhecimento de natureza científica e tecnológica que mais realiza o homem? Que estudos fundamentam ou sustentam tal premissa?

O ensino básico não pode continuar a ser visto como uma pré-fase do ensino superior. Mas será pior a emenda do que o soneto se for visto exclusivamente como um currículo preparatório do ingresso no mercado de trabalho.

Oferecer uma via de ensino profissional parece necessário e útil. Mas pode ser perigoso se a opção tiver de ser feita muito cedo. Quando somos novos, as escolhas vocacionais são sempre instrumentais e podem estar ao serviço do medo, da procura da facilidade ou mesmo de crenças acerca da nossa incapacidade. O ensino profissionalizante não deve repetir o que acontece atualmente com muitos alunos de cursos CEF, que só foram encaminhados para esta modalidade devido a problemas comportamentais ou motivacionais. A escola deveria saber lidar com alunos problemáticos e malcomportados. Não pode continuar a resolver as dificuldades encaminhando-os para modalidades de ensino percecionadas como mais fáceis. Menos ainda legitimar tomadas de decisão apressadas com base na crença de que estamos a preparar bem estes jovens para a vida. Qual vida?

Professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra



Quando somos novos, as escolhas vocacionais são sempre instrumentais

Amor, abre a porta do que ou ninguém consegue ver

Debate Privacidade
Eugénia de Vasconcellos

Quando George Orwell escreveu a obra 1984 e criou numa frase um conceito que é uma súplica sociopolítica, *Big Brother is watching you*, nunca supôs, apostou, que cem anos depois a resposta fosse: *Big Brother*, olha para mim!

Não apenas a privacidade enquanto valor foi destruída, também, e isto ainda dará pano para mangas, está a sê-lo legal e metodicamente.

Na verdade, os costumes são como a língua que falamos: a despeito da norma há a realidade. Um exemplo: quem diz desprezível quando o imenso coro afirma desprezível e esta forma de ser desprezado já entrou no dicionário? Ninguém.

E isto vem a propósito do quê, pergunta o meu querido leitor? Do fim do mundo em cuecas, como se dizia quando era pequena.

França anda num bruaá, mais uma vez, em torno da vida sexual de Dominique Strauss-Kahn (DSK). Marcela Iacub, cronista no *Libération*, e amante de DSK durante uns meses do ano passado, escreveu um livro, *Belle et Bête*, sobre a intimidade de ambos. Um embuste a vários níveis.

1. A porta do quarto dos encontros sexuais, mesmo dos de hotel, se se abre, é para que alguém veja e porque algo ou alguém se quer exibir: Marcela Iacub escancarou a porta sem o consentimento e com a oposição explícita de DSK, que estava na cama com ela.

2. Interessaria a alguém entrar dentro do quarto de Marcela Iacub se o outro na cama não fosse DSK?

3. É amante o estatuto de quem estabelece, mantém e manipula uma relação sexual com o propósito de a rentabilizar? O nosso Eça de Queiroz, muito limpo de linguagem e livre do puritanismo que alimenta este monstro da devassa, chamou-lhe *carne paga ao arrátel como a da vaca*.

Não interessa quem paga, no caso a editora Stock, está à venda e não era esse o pacto inicial da relação entre Marcela Iacub e DSK, ou DSK não teria recorrido à Justiça para pedir o arrestamento de *Belle et Bête*. E nem a Justiça, de mãos atadas mais do que os olhos vendados, perante o condicionamento do qualificativo obra de ficção, teria obrigado a editora a incluir nela a informação de que é um grave atentado à privacidade de DSK.

4. *Belle et Bête* não é uma crónica de costumes, não é um diário e muito menos é literatura. E ao contrário do que o leitor menos informado poderá julgar, *Belle et Bête* diz muito mais sobre Marcela Iacub do que sobre DSK. Dorme-se com um homem público, para, adiante, contar que se dormiu com ele e depositar no relato da relação a sexualidade fantasmática da



“A mise-en-scène substituiu a realidade, e a dinâmica relacional é a do exibicionista e do voyeur. Amanhã, DSK podemos ser nós. A privacidade pertence a um mundo que já não existe”

forma que melhor explora a queda de um titã mais que caído? É uma acção grosseira. É vulgar. É vil. É, a coberto da literatura e da ficção, e de uma forma grotesca, um exercício canalha, impune e aplaudido quando inflige a derradeira humilhação àquele que foi levantado como tabu do politicamente correcto. Esquecendo o óbvio: o lado de fora de qualquer tabu, é o totem, e neste em particular estão gravadas as camadas onde todos dormimos.

5. A crítica de uma pretensa elite intelectual que promove esta alcoviteirice alardear a uma nova estética, e se regozija diante da também pretensa originalidade de tais linhas que são apenas lixo, é o caso super-evidente de falta de canone e de leitura, a começar logo na história infantil, *A Roupa Nova do Rei*, na qual o rei vestido por um embusteiro nada usava e, assim mesmo, a corte descrevia maravilhada as sumptuárias vestimentas. Como o rei, *Belle et Bête*, e por corte, esta pretensa elite intelectual. Faltar-lhes-á Sade na estante e imaginação na cama?

6. Se a genial autora não tivesse referido que o porco era DSK, também consideraríamos estar diante de uma obra-prima?

Acredito, no entanto, que esta não seja,